

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



A ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL E OS IMPACTOS NOS TRABALHADORES

Clerislânia de Albuquerque Sousa¹
Marinina Gruska Benevides²

RESUMO: O trabalho é entendido como um dos elementos norteadores da nossa sociedade. Apesar desse entendimento, as relações de trabalho sofreram inúmeras transformações com o passar dos anos, nas quais a sociedade de uma maneira geral, e principalmente a força de trabalho – elemento principal nessa equação – tiveram que se adaptar a esse novo cenário que estava chegando. Com a vinda da acumulação flexível, esta caracterizada como um novo contexto na flexibilidade dos processos de trabalho, trouxe consigo transformações significativas em uma sociedade até então já habituada com os modelos de trabalho presentes naquele período. A partir desse novo cenário que seria inevitável naquele período, restou a classe trabalhadora tentar adaptar-se à nova realidade, remodelando seus processos de trabalho. Nesse contexto, esse estudo possui como objetivo geral: estudar a acumulação flexível e como objetivos específicos pretende: descrever os impactos da acumulação flexível nos trabalhadores, compreender as mudanças causadas nas relações de trabalho com o modelo de acumulação flexível e identificar os reflexos da acumulação flexível na atualidade. O estudo mostrou que a acumulação flexível trouxe muitos impactos na saúde dos trabalhadores, principalmente para os que atuam no setor de serviços e de produção individual, sem contar o número de trabalhadores que ficaram desempregados e os que trabalham na economia informal, gerando um impacto negativo na sociedade como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; Acumulação Flexível; Flexibilização.

INTRODUÇÃO

O trabalho é caracterizado como um dos tripés na sociedade capitalista atualmente, no entanto esse conceito teve a sua interpretação alterada no decorrer da história, uma vez que nem sempre foi uma atividade valorizada socialmente. O termo trabalho surgiu no século XI de onde se supõe originar da palavra latina baixa *tripalium*, que tinha dois significados: o de instrumento de três pés, destinado a torturas, e o outro, conhecido como um lugar onde se colocam bois para serem ferrados (Santos, 2000, p.1).

Em meados do século V a.C., o trabalho era entendido como atividade ligada à servidão e à sujeição do indivíduo a uma dependência perante o outro. As atividades dos

¹ Discente do Curso de Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará / UECE; Email: clerislania@gmail.com

² Doutora em Sociologia. Docente do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará / UECE; Email: marininagruska@gmail.com

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



trabalhadores eram fundamentais para exercer tarefas as quais os cidadãos gregos consideravam indignas por valorizarem em sua cultura que o cidadão deveria se dedicar ao exercício da contemplação, de atividades ligadas à política e ao debate em detrimento da realização de tarefas que gerassem a fadiga. Na idade média, com o advento da reforma protestante na Europa, Martinho Lutero começa a defender que o trabalho seria um remédio para os pecados das pessoas, imputando a esta tarefa um valor espiritual. A partir desta interpretação que mais tarde fará com que Weber disserte:

A avaliação religiosa do infatigável, constante e sistemático labor vocacional secular, como o mais alto instrumento de ascese, e, ao mesmo tempo, como o mais seguro meio de preservação da redenção da fé e do homem, deve ter sido presumivelmente a mais poderosa alavanca da expressão dessa concepção de vida, que aqui apontamos como espírito do capitalismo (Santos *apud* Weber, 1967, p. 123).

No século XVIII, a partir da Revolução Industrial, o trabalho assume lugar de destaque na sociedade, inspirando Adam Smith a afirmar que esse conceito representa a riqueza de uma nação, contrapondo-se à ideia mercantilista que a riqueza adviria de metais como ouro ou prata. Karl Marx (1818-1883), por sua vez, elencou à noção de trabalho a uma função social por excelência, ideia que o fez defender a tese que de que os meios de produção deveriam ser coletivizados para evitar o desemprego devido à importância do trabalho na vida dos indivíduos.

Segundo Karl Marx (1980), o trabalho é a categoria fundante da sociabilidade humana, sendo, portanto, o fundamento das diversas formas pelas quais os homens organizam a produção e a distribuição da riqueza social. Marx insiste em que a centralidade do trabalho se dá pela relação dinâmica entre homem e natureza. Para ele, o destino do homem deveria se cumprir na terra e não em termos de uma recompensa celeste. Assim sendo, o trabalho não era um castigo ou desgraça, mas sim elemento que confere ao homem a dignidade, a força e o seu ser; em transformando a natureza, o homem transforma a si, pois essas transformações da natureza agem, por sua vez, sobre o homem e o modifica. Marx defendia essa libertação pelo trabalho como algo positivo e não como uma escravidão (Santos, 2000, p.4).

É importante destacar que o trabalho assalariado não encerra o conceito de trabalho e não é, portanto, a única forma de possuir sentido, uma vez que o trabalho também é um elemento fundamental nas relações entre as pessoas na sociedade, além de ser capaz de conferir aos indivíduos realização pessoal e de ser uma tarefa transformadora da natureza.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



No contexto econômico, o trabalho é caracterizado a atividade humana, realizada ou não, com auxílio das máquinas e destinada à produção de bens e serviços. Sendo assim, o desemprego tornar-se-ia um retrocesso econômico, ou um atraso para a região por ele atingida (Santos, 2000, p. 8). Observa-se, pois, que o trabalho é um termo polissêmico ao possibilitar inúmeras interpretações. Porém, o termo emprego supõe recompensa financeira, contrato de trabalho e relação de troca. É, primeiramente, essa recompensa financeira que fica comprometida em uma sociedade com altos níveis de desemprego e quem não trabalha, ou quem não vive do trabalho, pode ser considerado um apêndice da sociedade, para quem resta apenas o desprezo, a assistência ou a caridade, conforme a época em que ele está sendo considerado. No Brasil, Santos (2000) tece um comentário bastante pertinente sobre as relações de emprego:

[...] o Brasil continua entre os países onde a distribuição de renda é das mais injustas e, conseqüentemente, a maioria dos trabalhadores é miserável, mal consegue sobreviver com o que recebe e, quando não recebe nada, a situação se agrava ainda mais. Esse estado de coisas decorre de um processo de colonização cuja característica principal foi a sujeição que tem favorecido sempre o senhor - o proprietário, a pessoa, o empresário, enquanto o servo - homem livre pobre, indivíduo, trabalhador, continua sendo alvo de políticas que o espezinham cada vez mais, como se a classe patronal jamais quisesse esquecer de preservar uma relação de mando feudal.

Segundo colocado por Santos (2000), acerca do desemprego, é por meio do trabalho que se determina uma abordagem particularmente rica com relação ao mundo e aos outros. Sendo assim, na era da reestruturação produtiva, o desempregado é como um comerciante que não consegue vender o seu produto e que fica sujeito a perder algumas de suas redes de sociabilidade ao ser excluído do mundo do trabalho. Cabe frisar que o fenômeno do desemprego ganha maior evidência no mundo a partir da década de 80, quando houve uma crise nos países do sistema capitalista.

A partir desse cenário, surgiu esse estudo, que possui como objetivo geral: estudar a acumulação flexível e como objetivos específicos pretende: descrever os impactos da acumulação flexível nos trabalhadores, compreender as mudanças causadas nas relações de trabalho com o modelo de acumulação flexível e identificar os reflexos da acumulação flexível na atualidade.

CONTEXTO HISTÓRICO: TRABALHO E EMPREGO

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Na linguagem cotidiana a palavra trabalho tem muitos significados, a maioria das pessoas associa as palavras trabalho e emprego como se se configurassem a mesma interpretação. Embora pareça compreensível, como uma das formas elementares de ação dos homens, o seu conteúdo oscila. Apesar de estarem ligadas, essas palavras possuem significados diferentes.

O trabalho é mais antigo que o emprego, o trabalho existe desde o momento que o homem começou a transformar a natureza e o ambiente a seu redor. Em português, apesar de haver labor e trabalho, é possível achar nas mesmas palavras ambas as significações: a de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida: e a do esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável. Todo trabalho supõe tendência para um fim e esforço, para alguns trabalhos este esforço será preponderantemente físico; para outros, preponderantemente intelectual. Para muitos, o que distingue o trabalho humano dos outros animais é que neste há consciência e intencionalidade, enquanto que os animais trabalham por instinto, programados, sem consciência.

Na linguagem científica aparecem muitas diferenças acerca do conceito de trabalho, em física, por exemplo, trabalho é o nome do produto entre força e deslocamento que um corpo em movimento realiza num tempo, a fisiologia interpreta que um músculo realiza trabalho, embora não se possa supor aí nenhum objetivo consciente do músculo mesmo, enquanto que na sociologia, quando se fala em trabalho, quase sempre se está no contexto da divisão do trabalho social. De qualquer forma, os estudiosos supõem que a história da palavra trabalho se refere à passagem pré-histórica da cultura da caça e da pesca para a cultura agrária baseada na criação de animais e no plantio. Já a significação que hoje é dada ao trabalho se refere à passagem moderna da cultura agrária para a industrial.

Segundo MARX (1983, p.149), "[...] o trabalho revela o modo como o homem lida com a natureza, o processo de produção pelo qual ele sustenta a sua vida e, assim, põe a nu o modo de formação de suas relações sociais e das ideias que fluem destas". Para o autor, o trabalho é o centro das atividades especificamente humanas. A partir desse entendimento, os homens relacionam-se com a natureza por intermédio do trabalho. Considera, ainda, que, "[...]

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



ao submetê-la aos seus próprios fins, o homem realiza, neste sentido, uma humanização da natureza" (p.150). O modo antigo de produção baseia-se no trabalho do escravo; o feudal, no trabalho dos servos da gleba; o capitalista, no trabalho do empregado assalariado.

A palavra emprego, da língua inglesa, tem sua origem em 1400 d.C. Até o início do século XVIII, se referia a alguma tarefa ou determinada empreitada; nunca se referia a um papel ou a uma posição numa organização. A partir do século XIX, passou a ser entendida como o trabalho realizado nas fábricas ou nas burocracias das nações em fase de industrialização.

No passado pré-industrial, antes que as fábricas transformassem o trabalho em rotina, as pessoas trabalhavam arduamente, mas não utilizavam um emprego para estruturar e conter suas atividades. O emprego é um conceito que surgiu por volta da revolução industrial, é uma relação entre homens que vende sua força de trabalho por algum valor, algumas remunerações, e homens que comprem essa força de trabalho pagando algo em troca, algo como o salário.

ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL

É fato que as transformações advindas no capitalismo após os anos 70 apontam para um novo regime de acumulação, ou melhor, para uma nova faceta do velho capitalismo, vez que o capital, como bem avaliado por Marx (1983), tem como único impulso vital a maior autovalorização possível do capital, com a apropriação da riqueza abstrata.

A acumulação flexível vem em contraponto ao modelo taylorista-fordista de produção de massa, uma vez que é caracterizado pela maleabilidade dos processos de produção, dos produtos ofertados e do padrão de consumo. A flexibilidade chega para, de certa forma, suavizar o trabalho rotineiro, particularidade no modelo taylorista/fordista, se considerarmos, como entendido por Adam Smith que "a rotina embrutece o espírito, sendo o trabalho de rotina degradante."

Segundo Harvey (1992), a acumulação flexível "caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional”. Ou seja, a hierarquia gerencial tradicional cede espaço para equipes multiquualificadas, as quais possuem flexibilização da produção, onde os grandes estoques desaparecem, passando o volume a ser controlado pela demanda.

Nesse sentido, percebe-se que a flexibilidade está intimamente ligada à evolução da tecnologia da informação, chamada de “novo paradigma informacional” por Castells (1999). Nesse ponto, Sabel e Piore trazem a tese da “especialização flexível” para descrever a nova fórmula produtiva que agrega o desenvolvimento tecnológico e a desconcentração produtiva baseada em pequenas e médias empresas.

Ocorre que o perfil do trabalhador fabril moldado pelo sistema taylorista/fordista não se adequa ao modelo de acumulação flexível. Consoante observado por Hirata (1992), o avanço tecnológico criou, de um lado uma legião de trabalhadores desqualificados e, de outro, uma pequena parcela de trabalhadores superqualificados. Estes últimos, compondo equipes multiquualificadas, em que um empregado é capaz de exercer mais de uma função, impôs, ainda, uma redução da oferta de emprego nas indústrias. E mais, a flexibilização, ao exigir mais habilidades combinadas e adaptabilidade dos trabalhadores, privilegia aqueles mais jovens. Por tal, houve a migração dos trabalhadores para o setor terciário, principalmente o de serviços, num movimento chamado de terciarização da economia.

Sennett (1999) entende que a natureza flexível do capitalismo cria também uma situação de ansiedade nas pessoas, porquanto elas não têm a ciência do risco que correm ou onde irão chegar, colocando-as à deriva. Assim, rompe-se com a possibilidade de construção de uma história cumulativa de vida, com o uso disciplinado do tempo conhecido a longo prazo, situação esta que acaba por delinear o próprio caráter, importando em ausência de apego temporal a longo prazo e em tolerância com a fragmentação.

Nesse sentido, há de ser considerada a diferença entre os trabalhadores de sexo masculino e feminino. Segundo Kergoat (*apud* Santana e Ramalho), aos homens a acumulação flexível propiciou uma política de reprofissionalização do trabalho e o estabelecimento de novas carreiras, enquanto que para as mulheres significou em majoração de formas atípicas de contratação (de curto prazo ou tempo parcial) e multiplicidade de atividades sem o aumento de salário daí decorrente ou chances de promoção. E mais, as

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



tarefas que restam a elas são, em regra, ainda mais desqualificadas. Ou seja, os postos ditos por superiores são cada vez mais ocupados por homens, na medida em que os não qualificados são ocupados por mulheres. Novamente lembrando as lições de Hirata, pode-se afirmar que “as fronteiras mudam, mas a divisão sexual do trabalho persiste.”

A partir do exposto, Sennett (1999) adverte que o trabalho flexível não conseguiu romper com o modelo fordista, haja vista a precarização do trabalho. Em uma realidade onde as relações trabalhistas são superficiais, descartáveis, em que os laços de confiança se esvaem nas experiências a curto prazo, difícil manter o sentimento de importância e pertencimento.

As decorrências do processo de acumulação, favoreceram o processo de flexibilização do trabalho que conduziu à desregulamentação de direitos sociais e trabalhistas, o qual houve uma brusca redução do quantitativo do operariado fabril, ajudou na fomentação da terceirização e a subproletarização, impulsionou o trabalho precário e parcial e estendeu o desemprego estrutural, dentre alguns danos trabalhistas que podemos mencionar.

ABRAMIDES e CABRAL (2003, p. 5), corroboram com o que foi exposto anteriormente ao afirmarem:

O mercado de trabalho passa por mudanças radicais em razão do processo de acumulação flexível, com flutuações constantes, aumento da competição, redução do poder aquisitivo do trabalhador e enfraquecimento do poder sindical, que começa a atuar na defensiva em razão da grande quantidade de mão-de-obra excedente (desempregados ou subempregados, ou precarizados vinculados à economia informal), o que dissocia ainda mais os interesses da classe trabalhadora.

Tais aspectos refletem problemas percebidos na atualidade, quer seja pelo contingente de profissionais disponíveis no mercado de trabalho ou de profissionais que são exigidos a polivalência de atribuições, para que assim, consigam manter seus empregos, o que acabou desencadeando problemas na saúde desses trabalhadores, assim como, aumentou o risco de acidentes no local de trabalho. Em setores de serviço e de produção individual, os reflexos da acumulação flexível na saúde dos trabalhadores ficam mais evidentes ainda, conforme colocado por ABRAMIDES e CABRAL (2003, p. 9):

Os registros de LER/Dort incidem com maior frequência em algumas atividades ocupacionais: digitadores, caixas de banco e comércio, telefonistas, empacotadores, trabalhadores de empresas de processamento de dados, entidades comerciais e financeiras, indústria editorial e metalúrgica, entre outros, e, particularmente, na área de telemarketing a LER tem crescido

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



em ritmo acelerado. E nos quadros clínicos da LER/Dort, incluem-se: tenossinovite, tendinite, bursite e mionite, provocando inflamação em várias áreas dos membros superiores. Esse quadro associa-se, de um lado, à incorporação de novas tecnologias, máquinas digitais, computadores e maquinário em geral, com a aceleração do ritmo de trabalho, de modo que possa responder às exigências do processo produtivo; de outro, as atividades repetitivas não qualificadas têm sido também responsáveis por quadros de LER.

Diante do exposto, percebe-se que a acumulação flexível trouxe impactos bastante significativos, tanto no contexto social, mas, principalmente uma mudança drástica na vida nos trabalhadores, estes, personagens principais no que tange as relações de trabalho.

METODOLOGIA

Para esse estudo, buscou-se realizar uma abordagem de natureza qualitativa, visto que pretendeu-se interpretar os impactos decorrentes de um determinado fenômeno, nesse caso, os impactos da acumulação flexível para os trabalhadores. Tecendo os objetivos metodológicos, tal estudo é de caráter descritivo, visto que foram abordados elementos que convergem com o tema central desse estudo.

Conforme GIL (2002, p. 42) “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Acerca dos procedimentos técnicos utilizados, buscou-se trabalhar com pesquisa bibliográfica, buscando fontes para esse estudo através de livros e artigos com autores especialistas nessa temática. Consoante é exposto por GIL (2002, p. 44) “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

CONCLUSÕES

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



O estudo mostrou que a dinâmica do trabalho é uma temática desafiadora e atemporal. Apesar das inúmeras transformações acontecidas ao longo dos anos, desde as primeiras informações originadas sobre o contexto do trabalho e seus desdobramentos até a atualidade sempre existe um lado que acaba sendo mais beneficiado em detrimento do outro. Com a chegada da acumulação flexível em um mundo de trabalho até então acostumado aos modelos fordista/taylorista daquele período, previam-se mudanças impactantes e que trariam mudanças drásticas principalmente na vida da classe trabalhadora.

A acumulação flexível trouxe consigo um novo modelo de trabalho, pautado pela flexibilidade dos processos de trabalho, o que causou uma mudança brusca, em um cenário de trabalho até então pautado pela delimitação com controle de tempos e movimentos. Tal mudança ocasionada por esse novo modelo de trabalho acabou trazendo inúmeros impactos na vida dos trabalhadores, onde podemos elencar: desemprego, uma vez que grande parte da classe trabalhadora ficou desqualificada nesse contexto das novas tecnologias que a acumulação flexível trazia. Também podemos citar como mais alarmante a situação para as mulheres, que ficaram mais desvalorizadas do que nunca, atuando em atividades sem a mínima expectativa de aumento salarial e sem a mínima possibilidade de concorrer em cargos de chefias com os homens.

Cabe relatar os impactos sofridos principalmente nos trabalhadores que atuam no setor de serviços em cargos que exijam o uso de computadores e máquinas digitais, por exemplo, onde podemos citar: caixa de supermercado, telefonista, digitadores entre outros. Os casos de trabalhadores com LER – lesão do esforço repetitivo, são inúmeros, dentre os quais podemos atrelar outras doenças, tais como: bursite e tendinite, afetando a saúde do trabalhador, causando impactos significativos no ativo principal da força de trabalho.

REFERÊNCIAS

ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa; CABRAL, Maria do Socorro Reis. Regime de acumulação flexível e saúde do trabalhador. São Paulo em Perspectiva 17(1): 3-10, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v17n1/v17n1a01.pdf> Acesso em: 20 de junho de 2018.

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
 desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
 (Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



ANTUNES, Ricardo. 1953 – **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

AZEREDO, Beatriz. **Políticas públicas de emprego: a experiência brasileira. Introdução ao estudo das políticas públicas de emprego.** Organização de Cláudio Salvadori Deddecca. – São Paulo: Associação Brasileira de estudos do trabalho – ABET, 1998. (coleção teses & pesquisas, v. 1).

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural: Acumulação flexível – transformação sólida ou reparo temporário.** Edições Loyola, São Paulo, 1992.

HIRATA, Helena. **Da polarização das qualificações ao modelo de competência:** a evolução do debate no contexto dos novos paradigmas de organização industrial. Anped, workshop Trabalho e educação, 13-15 jul. 1992.

KARL, Marx. **O Capital.** Livro 1. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

SABEL, Charles F. – **Trabajo y Política-** La division del trabajo en la industria, Ministerio de Trabajo, Madrid, 1982

SANTOS, João Bosco Feitosa dos: **O avesso da maldição do Gênesis; a saga de quem não tem trabalho/A construção de uma sociedade de desempregados.** São Paulo: Annablume; Fortaleza; Secretaria de cultura e desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000. 318p.

SANTANA, Marco Aurélio Silva de. RAMALHO, José Ricardo Garcia Pereira. **Sociologia do Trabalho.** São Paulo: Zahar, 2004.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. **A globalização sob a ótica da acumulação flexível.**